

DINIZ

ALMACHIO

MUNDANISMOS

Almachio Diniz

Mundanismos

«Public Domain»

Diniz A.

Mundanismos / A. Diniz — «Public Domain»,

Содержание

| | |
|-----------------------------------|----|
| NEDDA | 5 |
| VOLUPTUOSAS | 9 |
| O POETA MORIBUNDO | 13 |
| O VELHO MEDICO | 16 |
| Конец ознакомительного фрагмента. | 18 |

Almachio Diniz

Mundanismos

NEDDA

Manhansinha.

A sala, de azuladas paredes seminúas, estava pobrementemente mobiliada: era no saguão da casa, e as duas mulheres entraram às tontas, até se abrirem de par em par as gelosias.

SAUL, de NEDDA esposo, ficara a dormir na alcova.

E NEDDA, abysmada com a indiferença delle que apenas lhe não dirigia um monosyllabo desde a hora do facto, comprehendeu logo que DONA LOURA, a sua mãe, era uma interprete das indisposições do genro...

Num canapé, as duas mulheres, DONA LOURA, archaica nas suas vestias de capote e turbante, e NEDDA, deliciosamente matutina num roupão branco que descansava, *sans-dessous*, sobre a finissima camizêta de cambraias, – sentaram-se, afundando em concavos a palha flaccida do cansado movel...

– Esperava-te, maman, qualquer das horas. Quando vejo Saul levando-me entre dentes e indisposto como um burguês dispeptico, silencioso como uma esphyngue e entristecido como um beato sem almoço, adivinho logo que vens por ahi como a mensageira da paz. E elle foi procurar-te hontem à tarde...

– Exactamente.

– Previ tudo isto. Ha cinco dias que nós não falamos, e, pensando-o na rua, hontem, vim ter aqui. Foi quando topei com elle, sentado naquella cadeira, lendo a Biblia, ou folheando-a, apenas... Vendo-o, assustei-me e não contive um gritinho de susto. Mas tornei immediatamente sobre os meus passos. Ha quatro annos que somos casados e nunca passamos dois mezes sem uma rusga. É sempre elle quem as promove com um resaibo de malentendido ciume. Aceito sempre o seu rompimento e nunca lhe dei a honra de capitular nas hostilidades. Quando ellas são de nonada, aqui mesmo se resolvem; mas, quando avultam como agora, elle te vai buscar como intercessora. Já sei que vamos ter, como sempre, uma crise de amorosidades que me enfastiam. Lastimo é não conceber um filho desse homem para o embeijar pela nova criatura e sentir-me menos jungida às suas intemperanças de... mal educado! Às vezes, chego a ter nojo do senhor meu marido...

– Que blasphemia, Nedda! Dizes isto do teu esposo com um sangue frio que me pasma...

– Devias esperar isto. Cazei-me contra a minha vontade ao depois de ter o assedio do seu amor por mais de cinco annos. Tudo inventei para que um tal matrimonio não se fizesse. Por ultimo espalhei, e fiz conhecer-se em caza, por torna-viagem, a mentira de que Saul é um tuberculoso. Tanto mais eu o aborrecia, quanto a senhora e o papá intervinham, patrocinando a causa do moço platónico. Dá-me, na verdade, um insistente desejo de rir muito quando lembro os idealismos delle, seguindo a minha sombra, porque nunca lhe deixei o direito de enfrentar-se commigo em parte alguma... Expúz-lhe sempre que sonhos não me satisfaziam, nem eram para o meu temperamento homens vaporosos, poetas e doutores... Movi-lhe intensa guerra, apaixonando-me por Frederico Stöltze. Está! Com este provavelmente eu teria sido bem cazada. O pobre «allemãosinho» levou o caso muito a serio e cazou-se, logo que eu o abandonei, com uma defeituosa... Foi um despique, não ha a menor duvida, mas quem sahiu perdendo foi elle. Saul é um temperamento de phoca...

– Respeita o teu marido, minha filha!

– Pois não é, maman?

– Essas couzas não se devem dizer...

– Não tratarei de occultar o sol com a mão. Já disse e é mesmo: um temperamento de phoca. Só quer hybernar sobre os livros, deante dos quaes se abespinha como o animal sobre o gêlo. Eu, porem, quero muito sol, muita luz, muito calor, muita actividade... Maman, o que vocês velhos veem no cazamento é o interesse de collocar as filhas, porque ficando velhos receiam que nos tornemos muito sós no mundo. Por isso acontecem destas, cazamo-nos com a vontade dos papás encarnada na figura de um homem que não é a correspondencia de nosso instincto. Olha! Não intervirei nunca no cazamento de ninguem: cada qual commetta a sua doidice como quizer, e, se escolher um lorpa como Saul, arrependa-se de si mesmo e não me culpe a mim.

– Tu vês no homem uma excitação, Nedda, quando devias ver uma satisfação.

– Deixasses eu escolher como tivesse querido, e estarias livre hoje dessas trabalheiras de paz... Saul, antes de meu marido ser, soffreu toda a minha repulsa. Cazada fui tolerante. Elle, no entanto, não sabe aproveitar-se de minha tolerancia e quer subserviencia, servidão, ou coisa semelhante... Está enganado! Devias ter sancionado a minha repulsa logo de principio. Lembra-te do convescóte dado aos chilenos, nas Salinas? Tu não foste, e Saul, que era apenas meu pretendente sem a menor esperanza, moveu contra mim uma intriga terrorosa, porque viu, no campo, o primeiro tenente Santander amarrar os cordeis de minha botina que estavam difficultando-me o andar. Deves recordar-te de como energicamente o reprimendi, quando soube que lhe cabia a autoria do contado... Note-se que era apenas um pretendente, como muitos havia, todos suggestionados pela minha belleza pouco commum neste bairro de mulheres feias. Afinal, maman, que te disse elle desta vez?

– Saul comprehende o amor como uma esthesia, minha queridinha, e tu o comprehendes como um devaneio. Isto é proprio para as meninas. Tu te esqueces, e nisto eu lhe dou razão, que és uma senhora escrava da moral esponsalicia. Contou-me o teu marido um facto em que elle te surpreendeu. Realmente, se as cousas se passaram como podem ser suppostas, e elle não quer crer, tu andaste mal.

– Tu o ouviste, elle contou o acaecido a seu geito... Ouve, agora, como tudo se deu...

– E dispensavel Nedda. O passado está passado. O que é preciso é que não dês lugares a aleives e que poupes os amuos. A alma dos homens tambem calleja. Os amuos fazem pequenos callos, mas tempo virá em que, callejada a alma, o amuo será definitivo.

– Que teria isso?

– Um escandalo, minha filha!

– Para adquirir a minha liberdade maman, que tu sacrificaste, eu não me pouparei a um grande escandalo.

– Toma juizo, doidinha. É preciso acabares com estas zangas e receberes o teu marido como o teu senhor...

– Hein?.. Não me zangarás, maman, podes ridicularizar-me como entenderes... Não me darei por achada.

– Não promovo senão o teu bem. Resolve a crise e sê... mulher de teu marido.

– Já estás julgando o feito?

– Tu tens toda a razão, elle tem igualmente toda a razão. Harmonisem-se e sejam felizes.

– Pareces-me uma juiza a Salomão, com a differença de que o rei hebreu ouvia ambas as partes em conflicto, e tu julgas com a audiencia de uma só...

– Interpretas muito mal o meu genio.

– Não te interessa conheceres a injustiça de que sou accusada pelo sr. meu marido?

– Fala, minha filha! Mas tem a certeza de que, fosse qual fosse a accusação, eu nunca seria contra ti.

– Obrigada, maman! Quero, entretanto, justiça, e que, como Saul, não julgues pelas apparencias. Daria a vida para saber como elle te referiu o que se passou...

– Deixa o que elle me disse. Narra o que tu sabes...

– Pois bem! Na terça-feira, maman, de combinação com Saul, resolvi passar uma temporada num arrabalde. E, devidamente autorizada por elle que me falou pelo telephono, fui à Barra correr uma cazinha vaga e que nos serviria. De caminho, encontrei-me com o dr. Eduardo que, ao depois de saber ao que eu ia, daquelle modo desacompanhada, teve a gentileza de offerecer-se-me para o serviço de abrir e fechar portas. Aceitei e foi elle quem tomou as chaves na taverna da esquina... Vê tu!.. Não fôsse elle e teria eu de entrar numa taverna, sósinha, arriscada a ouvir qualquer indecencia... Ao depois, o dr. Eduardo foi quem abriu a porta... Como eu me ataria de luvas de camurça para fazer essa diligencia?.. Umas chaves muito pouco asseiadadas... Corremos o primeiro andar da caza, e, quando passamos ao sotam, o meu gentil cavalheiro se lembrou de, por segurança, fechar por dentro a porta da rua... Subimos. Mal chegavamos em cima, começaram de bater numa porta. Poderia eu suspeitar que o meu marido, tendo ordenado que eu fosse, porque elle não teria oportunidade de acompanhar-me, logo depois resolvesse o contrario, e estivesse a bater na porta da rua? E foi por um acaso que nós o vimos. Chegamos inesperadamente a uma janella do sotam e percebemos que era elle quem batia. O dr. Eduardo, desculpando-se por já ter eu cavalheiro, despediu-se de mim, desceu as escadas, e, quando abria a porta, foi insolentemente agredido por Saul, que lhe negou a mão para o cumprimento do estylo... Só tu vendo, maman, a furia com que o sr. meu esposo investiu contra mim! Felizmente, desafiado pela minha calma, elle não teve animo para iterar o qualificativo mau com que me mimoseou. Dei-lhe as costas e, se elle quiz, fechou sósinho a caza e veiu só...

– Devias ter evitado tudo isto, Nedda.

– Evitado, como?

– Não acquiescendo à companhia de um homem de mà fama, como é o dr. Eduardo.

– Adivinhasse eu que elle viajaria para a Barra naquelle mesmo bonde em que eu fui... Hora de trabalhos na cidade...

– Recusasses os favores offerecidos.

– Ora, maman! Deixa-te de coisas! Qual é a mulher que se anima à grosseria de recusar gentilezas de um moço de distincto trato?..

– Conforme o renome desse moço.

– Tem mà fama o dr. Eduardo?

– Não sei, não. Dizem.

– Se tem mà fama, tem maus costumes. E como é que Saul, tão zeloso de sua honra, admite, no seu convivio e nas suas recepções, um homem mal visto? Penso que os frequentadores de nossos salões, os *habitués* de nossa intimidade, sejam pessoas dignas de acompanhar-me a um ponto qualquer, e, se não fôsse assim, a primeira privação delles, seria a do nosso convivio...

– Neste ponto és razoavel, sou eu a primeira a reconhecer... Mas, Saul referiu-me que estavas sem chapéu...

– De facto. Ao depois que o dr. Eduardo se despediu, esbarrei na telha van do sotam, e enchi as flores do chapéu de teias... Sabendo que o sr. meu marido alli estava para auxiliar a reposição, tirei o chapéu e asseiei-o prestamente...

– Diz mais elle que estavas empurpurada e que te confundiste com a sua chegada, ao ponto de não saberes repôr o chapéu...

– Saul é um mentiroso.

– Não te zangues, Nedda.

– Injuriou-me.

– Não dês importancia a isto e resolve-te a aceitar-o pacificamente...

– E elle o quer?

– Porque perguntas?

– Porque tão honrado elle não deveria aceitar mais a cohabitación da esposa deshonesto.

– Não deves dizer assim, minha filha!

– Aceita-me elle?

- Que tolice, Nedda!
- Maman, Saul deveria ter agora a minha repulsa definitiva, e não a faço em atenção aos teus bons officios...
- Fazes muito bem.
- Là vem elle descendo...
- Trata-o bem, minha queridinha! Um lar que não tem esposo...
- Desculpa-me, maman: só agora reparo que estou muito à vontade para nos encontrarmos os tres...

Arrepanhando, então, o bello roupão desabotoado, por cujas rendas e decotes se viam as carnes luciferas de NEDDA, a mulher de Saul se escapuliu, desenhando escorreita o seu impecavel corpinho de esculptura grega...

VOLUPTUOSAS

No rês-do-chão de um palacete, coadas as luzes do sol por arrendados *stores* pallidos, HELENA fazia somno à hora da sesta, quando MARIA ANGELICA a surprehendeu adormecida.

A recémvinda impregnou o ambiente de essencia de iris, enquanto uma voluptuosidade enervante empurpurava a linda cabeça desmaiada de HELENA...

Um beijo sobre os labios da desaccordada mulher, fel-a despertar com um fremito de prazer...

- De onde vens tu, Angelica?
- De encommendar flores...
- Flores?!
- Não te recordas de que Sophia se casará amanhã, à noitinha?
- Sou uma esquecida.
- E ella é credora de nossas gentilezas...
- Das minhas, especialmente.
- Encommendei orchidéas e chrysanthemos.
- Que gosto! De minha parte vou mandar-lhe duas magnolias.
- Bellas flores, realmente. Mas, a natureza esmerou-se no chiquismo das orchidéas. Uma catyleia é um pedaço de labios excitados por dois beijos.
- Não lhes acho graça.
- Ó exigente!
- Flores do matto. E já notaste que quasi todas ellas são lilazes e roxas? ou que se enfeitam com estrias e matizes dessas duas côres melancolicas?
- Descobres coisas...
- Mas, não é?
- Realmente.
- E como vais presentear uma noiva com flores lilazes?
- É a moda, é o chic, é o *dernier-cri*...
- Olha! Nas minhas bodas manda-me flores alvas, muito alvas, chrysanthemos, rosas, cravos, magnolias... Comprehendeste-me?
- Se não! Agora, coisa notavel: eu te vejo com as faces pallidas e os olhos muito brilhantes...
- De verdade?
- Sim. Sonhavas?
- Nem me lembro! Parece-me que sim. E tu estás intensamente corada...
- Apanhei muito sol.
- Os teus olhos estão pisados e languidos...
- É da fadiga do caminho... Desde cedo na rua, exposta, Helena, ao calor que abraza e ao sopro canicular que afeia os penteados...
- Já tinha reparado: os teus cabellos estão desmanchando-se...
- E eu os concertei no espelho de Esther.
- Andaste là, hein? Já havia desconfiado... Quando te vejo amollentada, assim, tenho razões para me enciumar... É muito descuidada a Esther. Cuida mal das vestimentas das amigas. Olha o teu cinto, Angelica... Está mal posto, a fita está retorcida...
- Nem reparei...
- Disto não és culpada, por certo... Eu não te deixaria sahir daqui tão mal-amanhada. É de causar vergonha.

- Foi a pressa, Helena.
 - E no teu hombro a sêda está nodoadada...
 - Nodoadada?!..
 - Sim! Vêem-se duas curvas vincadas como os bordos de uma... Nem sei mesmo que diga...
- Parece-me que te morderam o hombro?!..
- Quem o poderia fazer?
 - Esther.
 - És ciumenta! Fica sabendo: foi no jardim quando eu encomendava as flores. Deve ter sido agua das rozas, Helena, que aqui cahiu... Estás satisfeita?
 - Muito pouco. Quando muito, illudida, minha flor, mas não convencida...
 - Tu me censuras, e eu que te surprehendo com um esquisito fogo no olhar humido?.. Terá sido algum sonho delicioso... A tua voz mesmo é arrastada como a de quem se fatigou num excesso de venturas...
 - Que venturas posso ter?
 - Em sonhos podemos ser venturosas como jamais seremos na vida real... Morpheu capricha em povoar-nos a mente com espectaculos espantosos. Ha vezes em que, se eu pudesse, esganaria quem me desperta... E outras occasiões, quando volto a mim sem provocação, sou prompta a espantar-me porque me accordei e não morri no meio do prazer sonhado...
 - Ha sonhos, effectivamente, que se não deveriam acabar... E não sentes calor, Maria Angelica?
 - Algum.
 - Neste caso...
 - Que fazes?
 - Dispo-me. Não me imitas?
 - Póde ser. Passarei a tarde comtigo...
 - Despe-te, pois... Tira o casaco... Desaffoga o collo desta góla assoberbante... Não tens geito?.. Chega, que te libertarei...
 - Tira os alfinetes.
 - Usas um bom pó de arroz, Angelica.
 - Ui! Helena!
 - Que foi assim, ardilosa?
 - Espetaste-me as carnes...
 - Tambem é uma ruma de alfinetões...
 - É para segurar bem.
 - Tens uma pellugem de arminho...
 - Ai!.. Assim não... não...
 - Que tens, rapariga?
 - Beijas-me, Helena, com uns labios quentes e gulosos... Só me déste vontade de...
 - Ui!.. ui!.. ui!.. Fazes-me um *frisson* de arrepiar-me os pellos...
 - É para vingar o teu beijo...
 - Porque me olhas assim, Angelica?
 - És de uma alvura surprehendente, minha amiga. De teu corpo rescende um perfume originalissimo que me entontece...
 - Aprendi a perfumar-me com as gregas. Li num livro que uma beldade se cubria de perfumes para agradar aos amantes. Eu o faço para attrahir as amigas como tu... Uma grega banhava as pernas numa bacia de prata em que se confundiam os aromas do nardo de Tharsos e do metôpyon do Aigypte. Nas axillas attritava mentho e sobre as pestanas e nas palpebras marjolana de kôs. Ao depois, a escrava defumava-lhe os cabellos desennastrados com espiraes de incenso, que combinava admiravelmente não só com a essencia de rozas de Phasêlis que lhe embalsamava a nuca e as faces, como tambem a

bakkaris que se lhe derramava sobre os rins. E, por fim, entre os seios, corria o celebre oinanthê das montanhas de Chypre... Sei perfumar-me, Maria Angelica...

– Bem se lhe pareciam as gregas, tuas mestras...

– Entre os meus seios, inda ha pouco, deixei correr um fio languido do irresistivel Royal-Begonia, e nas axillas puz algodões embebidos na essencia de rozas... Nos meus cabellos derramei oleos de sandalo, para contrastar com as evoluções das essencias de jasmins que perfumam as minhas vestias...

– E na posse de tudo isto praticas uma mà acção, Helena!

– Qual?

– Essa de referires tantos perfumes e não me dares nenhum a provar... És avarenta, como ninguém, e eu cubiçosa de gozar...

– Vai ao meu toucador e gasta do que quizeres...

– Teria graça!

– Porque assim?

– Gósto das flores nos vegetaes, das essencias nos corpos das mulheres. Quero experimentar com o olfacto o odor unico que se desprende das tuas carnes...

– Tens desejos masculinos, minha queridinha!

– E é o que me faz lamentar-me: junto de uma graça não ser um Adonis, junto de uma Helena não ser cupido... Se eu pudesse embriagar-me com os teus perfumes e desmaiar de prazer entre os teus prazeres, seria mais feliz do que Syrx, louca de paixão, Byblis, unica na insaciabilidade, ou Mnasidika, macia como um velludo... Helena, tu és uma perfeição...

– Mofadora!

– Mofar eu de ti?!..

– Não te abraza o calor?..

– Sim... Intoleravelmente...

– Safa o collête... Assim... Que lindo corpo, Maria, e quantas seducções na tua plastica vista atravez da transparencia das gazes... Bem dizem os homens, sabios no sensualismo pagão, que o nú de veus é mais provocante do que o nú sem disfarces... Ha qualquer coisa de mystico, de irreal, na mulher encoberta pela semi-fluidez de um tecido fino... Se eu te não conhecesse os segredos todos de tuas lindas curvas, te rasgaria agora, impiedosamente, o veu de tua nudez...

– Já sentiste, Helena, um prazer maior do que esse das carnes livres do arrôcho de um collête dictatorial?

– Quantas vezes?!

– Tu brincas, mulher divertida...

– Provo-te com a citação: desperei o meu collête e não me sentirei mais provocada do que contemplando as tuas fórmulas semi-núas...

– Es barbara, Helena! Como encarceras um tão lindo quadril dentro dos oppressivos liames de um collête... Ah! Como eu daria a vida por ser morena! O ventre alvo é uma desillusão, mas o trigo, como o teu, é um incentivo. Parece o tegumento de um fructo e provoca o instinto mais calmo...

– Não te agrada a minha nueza?

– Inteiramente. Agora, vê là se te não impressiona mal a brancura do meu ventre...

– Ao contrario, Maria Angelica: é uma grande corolla de petalas alvas desenvolvida de um peluginoso calice de oiro... É maravilhoso o teu contorno... Dignas fórmulas para a perpetuidade de uma tēla ou de um retrato...

– Deixarias tu que fôsse apanhada a tua nudez?

– E porque não?.. Sei que fascinaria... Queres photographar-me?

– Que egoismo leviano!

– Acha-o?

- Sim... Photographemo-nos...
- Adoravel!.. Como não irradiará no *cliché* o contraste de nossas pelles, o macio sombreado de um tropico sobre a tentadora alvura nevosa de um pólo...

Os olhos das duas mulheres vestiu-se com uma luz liquida como uma solução de perolas e opalas.

Os seus labios permutaram cariciosos beijos.

E, horas depois, MARIA ANGELICA e HELENA, retratadas por uma aia, desvendavam as suas abrazadoras nuezas à inveja de ESTHER...

O POETA MORIBUNDO

Luxuoso salão de recepções: por entre cavallêtes com quadros de fina pintura, em que apparecem, de par com estrangeiros, o gosto de Parreira e a vocação de Prescilliano, vasos com flores, e, no meio das tapeçarias, dos *fauteils* e das luzes, um magestoso piano Ritter.

HELOISA acabou de executar, com todo o applauso do maestro CHRISTOVAM DETMER, a linda fantasia —*Le poète mourant*— de Gotschalk.

As ultimas notas perderam-se artisticamente: o maestro cheio de admiração e preso da infinita tristeza, dobrou-se e beijou os dedos que obedeciam á grande inspiração de HELOISA.

Esta olhou-o e transfigurou-se como uma alma reflexamente combalida pela dor de uma alma irman...

– Como esse poeta, Heloisa, que o grande musico fez morrer nas notas bemolisadas do piano, finou-se hoje o nosso amor... Enquanto executavas e os teus dedos arrancavam da alma do instrumento piedoso os sons do passional poema lyrico, me concentrei e te affirmo que a visão não despresou a audição, pois vi e ouvi toda a scena, desenvolvida entre personagens vivas, que se moviam, se soccorriam e testemunhavam o desfallecimento do artista moribundo. Durante minutos que serão inegalaveis na minha existencia de musico, aqui estive ao teu lado, frio como uma estatua, hermetico como uma esphynges, e não denunciei, pela ruga menor de meu semblante, a dor imperiosa que me enervava a existencia. Vim do gabinete privado de tua mãe, que se transformou pacificamente no Satan de nossa felicidade. Falei-lhe ardoroso, como se lhe dissesse uma aria de Beethoven, contei-lhe minucioso e preciso a longa historia de nosso amor. Vejo, agora, que, por vezes, fui minudente de mais, rememorando o platonismo inedito com que te amei a alma de artista e não o corpo de mulher. Ao depois de ouvil-a, vim inspirar-me para o sacrificio no teu talento. E saio de tua presença illuminado como o prescripto que recebeu o balsamo do conselho christão para subir em seguida ao patibulo. Dá-me, pois, o conforto de tua confidencia ultima: amaste-me alguma vez?

– Que pergunta, Christovam.

– Indiscreta?

– Não; ao contrario. Amesquinhante...

– Extranho-te.

– Não ha razão. Porventura pensarás que te amei e não te amo agora? Acaso a minha mão de mulher para te ser dada dependerá de alguma coisa irreductivel deante de minha vontade altiva?

– Sinto-me lisonjeado, de facto, com a tua constancia, Heloisa. A cor dourada dos teus cabellos que te faz distincta entre as cabeças bellas de todas as mulheres, neste instante, afigura-se-me a grinalda de luz com que se enfeitam as santas nos seus altares. Mas, um maestro, um homem que sabe musica simplesmente, que é apenas um artista, é pequenino de mais para ter uma pretenção de amor. Eu me pareço com esta figura lendaria de Kadjira que destruia as rozas por prazer. No reinado das fantasias de ouro e de fidalguia com que se entontecem os teus paes em sonhos egoistas, cheguei, como a perversa princeza turca que despetalava rozas, derrocando castellos, para me conter na illusão em que me deleitava sómente com a audiencia da negativa inclemente de tua mãe. Confessou-me que maldava de todo o nosso amor, desde principio. E porque, se assim era, protegia a ampliação de um sentimento que deveria ser, como os filhos defeituosos das ciganas que são atirados ás piranhas, destruido no nascedoiro? Antes que eu lhe communicasse, falou-me em que se correspondias aos meus calculos de matrimonio, era porque, doidivana como toda creança, jogavas a péla na orla do precipicio, esperando o aviso amigo para te retirares gloriosamente... Negarás, Heloisa, que tinhas consciencia de minha pretenção? Sophismarás, em favor da excommunhão que me lançou a tua mãe,

e contra a clareza da ordem que me deste afim de se officialisarem as relações do affecto, que nos encaminhava de um illusorio paraíso? Responde com o talento immensuravel com que sempre me amaste...

– Falas desatinadamente, Christovam, numa contingencia em que deverias possuir o maior tino dos homens.

– Tens o dom solar de illuminar o mundo pelos flancos, se uma nuvem pesada se antepõe á sua esphera...

– Sinto-me transfigurada. Amo-te ainda, e não te hei de amar fóra do regosijo delles...

– Dos teus paes?

– Sim. Acharias extranho se te dissessem que duas sementes postas em tuas mãos estariam vegetaes só ao sôpro de um fakir indiano. Porque admittirias que a minha vontade fosse forte bastante para romper a marcha das intenções dos meus paes sobre a minha razão de ser mulher? Por ventura sem o sopro do fakir as sementes germinariam e attingiriam as fórmas de seres definitivos? Não supportás que, sem aquelle sôpro, algo se realisasse. Como suppôres que sem a vontade dos meus maiores a nossa união se perpetraria ao teu sabôr?

– Desconheço-te já...

– Mas, porque...

– O sophisma substitue a tua logica: o amor cedeu o posto á quesilia dos outros...

– Esperarias o meu consorcio sem o consento dos que me deram a existencia de mulher?

– Nem sei de mim mesmo que te responda...

– Não poderias esperar. Se eu fôsse livre, se a lagarta para ser papilio não carecesse de passar por ser chrysalida, nem eu te mandaria impetrar a sancção que nos faltou, nem os que nol-a negaram teriam razões para tal fazer. Aborrece-te o trovão? amedronta-te o curisco? Queres ver-te livre delles? Crê num Deus e pede-lhe a extinção... Infelizmente, Christovam, nem o trovão se extinguiria, nem o teu querer triumpharia... De um lado, Deus seria impotente para te dar o que pedisses porque não terias o direito de pedir... Só pede quem póde pedir; se se pede é porque de quem dá depende o pedido; e se o pedido não é dado, procura a causa na insufficiencia e na sem-razão de quem pediu...

– Mas...

– Nada adianta, Christovam. Corresponde ao meu inquerito e nega-me, se conservares a razão, que tenho o bom senso desejavel ás creaturas perfeitas. Queres responder-me?

– Nada significará o que te responda.

– É preciso que sejas categorico.

– Pois sim: responder-te-ei.

– Poderias tomar-me como tua esposa sem, obteres a minha vontade?

– Por certo que não.

– De minha parte a questão é outra: teria eu o direito de responder por mim num caso expresso de matrimonio? poderia ser unico o meu querer?

– Se quizesse, sim.

– Não é assim, não. Porque não me tomarias por mulher sem o meu assentimento? Por impoderoso deante de minha definição adversa. Porque não me daria eu por esposa sem o consentimento dos meus paes? Por impoderosa deante da pronuncia delles. Se tu pudesses alcançar de mim o amor sem vontade, desnecessario seria impetrares-m'a; se eu dispuzesse de meu corpo sem a intervenção dos que m'o formaram do nada em materia e em alma, nem cogitaria de enviar-te a elles...

– É um dilemma sophistico.

– Por que principio, não sei.

– Um dia, quando eu te disse que me abrazava na sêde do teu amor, Heloisa, como correspondeste a esse lapso do meu instincto?

– Do modo mais franco.

- Sim... Dando-me apaixonadamente os teus labios para nelles, como eu quizesse, matar a sêde que allegava...
- Dependia de mim. Dei-te.
- De outra vez pedi-te um testemunho da correspondencia de tua paixão. Negaste-m'o?
- Não poderia negar.
- Exactamente. Levaste-me, com todo o carinho, a dextra ao collo, e, na grandeza das iteradas pulsações cordiaes, affirmaste que eu reconheceria a intensidade do teu sentimento...
- Dependia de mim. Pratiquei.
- Por fim, quando te acenei com o plano de nossa união...
- Como te respondi, Christovam?
- Com a primeira negaça.
- Adulteras a minha intenção: cumpri o meu dever, enviando-te á maman, como o caminho propicio para vencer o papá.
- Realmente, Heloisa. Sou um vencido.
- Garanto-te, porem, Christovam, que te amo, ainda, como te amei...
- Irresistivel tormento para mim: serei eternamente o artista obrigado a consummar uma grande obra musical sem a inspiração para a realidade do dever...
- Desistes, então, do teu amor?
- Razões me sobejam...
- Que te disse, afinal, a maman?
- Isso mesmo. Falou-me em que queria um marido para a sua filha e lembrou-me que um musicista não compõe sem ter inspiração...
- Nada de mais, Christovam!
- Talvez não queiras comprehendel-a... Mas é tudo que se póde allegar contra um homem...

E, louco pela musica, inconsciente quasi, CHRISTOVAM DETMER assentou-se ao piano e executou, irreproduzivelmente, a esquisita criação de Gotschalk, ao depois do que, ceremoniosamente, se despediu de HELOISA...

O VELHO MEDICO

O mostruario exhibia, garbosamente, os artigos da moda rigorosa.

ESTEPHANIO e JUDITH – esta desprendendo-se de si no devotamento ao esposo, e aquelle, dominador da mulher vencida em mais annos, como se lhe tivesse o corpo de c6r, curvas e linhas, luzes e perfumes – gozavam o esplendor dos luxos, com que o artificio corrige os defeitos da Natureza e apaga os estragos do Tempo...

MARCO ANTONIO – o medico afamado – cofiando as ennevoadas barbas em que se escondiam as illus6es do seu poder curador, arrancou os olhares dos dois esposos, e apoderou-se, com fascinante dominio, de suas aten6es...

– Bem p6de a therapeutica dos homens... Vejo-o restituído ao fulg6r da mocidade...

– É exacto, doutor, passo agora sobre as molestias como a insensível salamandra por sobre chammas... Descrendo da causa, não posso affectar-me com os seus effectos: a sua medicina é a criadora das humanas torturas. Parece-me que já se disse: «Tirem os medicos e as enfermidades desaparecerão»... Mas, eu digo: fugi delles e estou curado. Deem-me milhões de medicos e estarão formados trilhões de doenças.

– E quem te curou, meu caro?

– A natureza...

– O novo deus pagão...

– Assim diz o dr., mas, de facto, a inexgottável fonte de poderes curadores. Lembra-se de que o procurei exasperado com o que soffria?

– Lembro-me, sim.

– Foram tantos os diagnosticos que já perdi o direito de dar-lhes autorias.

– O sr. era verdadeiramente um doente.

– E o dr. escreveu uma longa lista de medicamentos para horas certas e invariáveis.

– Realmente.

– Pois confesso-lhe: não fiz uso de um só. Tambem o doutor não foi o ultimo medico que me assistiu. Ainda hoje louvo-lhe a sua acuidade na inspecção. Nada faltou à sua perspicacia, senão comprehender que, no meu estado, as suas perguntas eram outras tantas suggest6es e novos symptomas para a aggravação de meu mal. Eu vivia desvairado na vontade de accusar males crescentes, e os meus assistentes porfiavam em illustrar-me em torturas ineditas.

– Afinal... quem te curou?

– Dir-lhe-ei tudo, de começo. Hygia, a deusa da saude, não é de todo mà...

– A historia vai ser a mesma de todos os doentes restabelecidos: salvaram-se pela acção do dedo de Deus, como teriam morrido pela intervenção do doutor...

– Creio que o sr. adianta um mau conceito. Não me tenho na conta dos casos communs.

– Desculpe-me.

– Pois não! Mas, a minha doença foi uma criação dos meus medicos, e a minha cura proveiu de minha inabalável resolução de abandonal-os. Eu estava em ultimo grau de desengano quando o doutor foi chamado. Voltei assim às mãos de um allopatha. Homeopathas e feiticeiros nada fizeram de resultado para minorar os meus padecimentos. Quando adoeci, aos vinte e tres annos, foi numa convalescença de enfermidade effectivamente assassina: o amor. Eu tinha conseguido, pela vez primeira, objectivar uma paixão. E, não só isto: tivera, com todo o delirio proprio da idade, a posse facil, e passageira contra a minha vontade, de uma mulher amada. O mundo inteiro concentrou-se, ao meu sentir, nos violentos pezadelos de minha carne inexperimentada. Foram sessenta dias, mil quatrocentas e quarenta horas, ou oitenta e seis mil e quatrocentos minutos de frenetico jogo de instinctos, durante os quaes as paradas assediaram-me a alma, remontando as fichas do meu gozo ao

maximo possivel. O prazo desse amor fôra, entretanto, fatal. Exgottou-se e a mulher fugiu-se-me dos braços como a espiral do fumo que procura as alturas. Ao depois disto, separado do entretenimento carnal, que me combalia as fibras, como a agua que vai abalar as galerias subterraneas para derrubar as minas, tive a sensação do remorso de um grande crime...

– De um crime delicioso...

– Talvez, doutor.

– E então?

– Encegueirado pelo amor, o mundo ficou às escuras sem a luz do olhar della. Quiz correr nas suas pégadas, e senti-me tolhido como a voz na garganta do atormentado por um pezadêlo. Vi em todos os convivas de minha existencia, terriveis sombras fantasticas... E tudo findava sempre num choro convulso, durante o qual me punha a tremer com tanta violencia quanta fazia estremecer todo o assoalho de minha alcova e soar fôra de tempo a campainha do relógio sobre a meza... Senti-me muitas vezes balançado como a espherasinha de madeira que anima o trillo dos apitos...

– É curioso, de véras, o seu caso.

– Foi, doutor.

– Sim! Foi! E hoje sinto não lhe ter visto nesse tempo originalissimo.

– Mas viu-me um outro medico e diagnosticou-me: um paranoico.

– Paranoico?

– Exactamente, doutor, e vâ vendo. Aconselhou que eu me tratasse com banhos de luzes.

Escravos do sentimentalismo clinico desse primeiro medico, os meus paes exgottaram uma fortuna e eu fui enormemente banhado, a contragosto, com luzes de todas as côres. Era inocuo o tratamento para me fazer bem, mas foi uma aggravante dos meus males Exacerbei-me. Os meus nervos polarisaram-se como se aguçados por alta dose, mas não toxica, de strychnina. Veiu um segundo medico – já a esta hora e ha muito tempo – victimado por uma embolia cerebral. Olhou-me e disse, carrancudamente, deante de uma das minhas crises de saudade carnal: «são delirios epileptiformes»... E o tratamento passou a ser feito com altas doses de bromurêto. A minha enervação deprimiu-se, e tornei-me um atoleimado, tanto que nem pranteei a morte de minha mãe, desgostosa com a minha tragica existencia... Novo medico; vim a ser um simples neurasthenico, com atonias nervosas. Reconstituintes, passeios, boas alimentações, prazeres, etc.: nada, porem, matava as saudades do meu instincto animal. Comecei de padecer do estomago, ora por excesso de alimentação, ou por escassez... Fui um dispeptico, padeci de insomnias, tornei-me um narcoticomano. Na insomnia, senti faltas de ar: novos medicos e fui um cardiaco, um arterio-schlerotico... Abusaram de iodêtos e tive hemoptises. Um Esculapio chamado às pressas, levando em conta a minha magrêsa, o sangue exvasado dos meus pulmões e o historico dos meus soffrimentos, num rapido prognóstico, annunciou a minha morte breve, por força de adiantadissima tuberculose. Quando os doutos senhores me interpellavam, nunca tiveram o escrupulo de ouvir-me no que soffria sómente: suggeriam-me cousas que só dalli por deante eu começava de sentir. E veiu um curador homeopatha: os seus remedios ingeri com facilidade, pela falta de sabor. Cahi num abatimento nervoso, e um visinho, que se enforcou dias depois porque se sentiu arruinado nas suas forças commerciaes, lembrou que os maus espiritos encostados aos corpos de pessôas novas, faziam artes do demo... E não só apresentou a conveniencia de ser eu rezado, como tambem foi buscar uma velhinha, encarquilhada e bronzea, que, de sobre o meu corpo, deitado de bruços na cama, exconjurou o meu malfeitor, com um galho da famosa arrudeira...

Конец ознакомительного фрагмента.

Текст предоставлен ООО «ЛитРес».

Прочитайте эту книгу целиком, [купив полную легальную версию](#) на ЛитРес.

Безопасно оплатить книгу можно банковской картой Visa, MasterCard, Maestro, со счета мобильного телефона, с платежного терминала, в салоне МТС или Связной, через PayPal, WebMoney, Яндекс.Деньги, QIWI Кошелек, бонусными картами или другим удобным Вам способом.